

Maria Isabel do Amaral Antunes Vaz Ponce de Leão

**Sumário da aula a ser leccionada em provas
públicas**

O Instinto e o dom

Universidade Fernando Pessoa

1. Fundamentação

Esta aula é parte integrante do programa de Literatura e Outras Artes, disciplina de opção do 1.º ciclo, 1.º ano, dos cursos da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, sendo sobretudo frequentada por estudantes do curso de Ciências da Comunicação.

Decorre¹ quando os estudantes já têm consciência dos diálogos existentes entre as diferentes artes, bem como do papel da revista *presença* nas letras e nas artes, decorridas que são cerca de 17 semanas de leccionação. Interessa, agora, que adquiram competências de forma a verificarem / demonstrarem que a revista se preocupou com aquilo que é, afinal, o cerne da disciplina: a complementaridade, a cumplicidade e o diálogo entre as diferentes das artes.

Em jeito de motivação, passo, muito rapidamente em revista as artes que se presentificam na *presença* sempre apoiada em textos, e chamo a atenção para o facto de algumas delas serem, sobretudo, objecto de artigos críticos, como é o caso da música² e do cinema.

Apresento textos que teorizam a interacção das artes. Esses textos – assinalados no sumário – são alguns dos muitos que poderiam ser escolhidos, não havendo, portanto, uma preocupação de exaustividade. Selecciono aqueles cujo tratamento do tema é mais óbvio. Por condicionalismos temporais, não os fornecerei aos estudantes na íntegra. Faço uma colagem dos passos mais elucidativos que submeto à sua interpretação³, no sentido de eles reconhecerem as características da arte presencista relacionando-a com as

¹ Duração: 1 hora

² Excepção feita à pauta musical de “Uma canção de Fernando Pessoa musicada por Fernando Lopes Graça” que aparece no número n.º 48, p. 6, da revista, totalmente consagrado a Fernando Pessoa aquando da sua morte.

³ Estou consciente que não é a estratégia ideal, mas a possível. Ainda que sugira a leitura destes textos antes da aula, há sempre estudantes que o não fazem. Porque pretendo que a aula seja profícua para todos, recorro a este tipo de sistematização.

doutrinas de Clive Bell e Nelson Goodman. Por razões de natureza geracional, o primeiro ganha aqui maior protagonismo.

Incido, sobretudo, na literatura e nas artes plásticas⁴, muito particularmente no desenho, com vista a uma verificação pragmática (inviabilizada nos casos da música e do cinema). O estudante detecta a complementaridade das artes em determinados temas e motivos de textos escolhidos (linguísticos e plásticos), trabalho que se prolonga pelas restantes aulas consagradas à revista, e em que serão destacados os principais artistas já mencionados no programa.

A aula abre, assim, uma parte de descoberta de paradigmas de complementaridades observáveis. Obviamente que temas e motivos não se esgotam aqui. A sua selecção passa pelo critério de serem concomitantemente privilegiados nas duas artes, e verificados e sugeridos pelos alunos.

O ponto 3⁵ do sumário continua a ser desenvolvido em aulas posteriores por dois motivos: o primeiro está em estreita relação com o ritmo e a motivação da turma que pode querer descobrir (ou não) outros temas e motivos dignos de serem tratados; o segundo prende-se com a surpresa que cada aula pode constituir em função das diferentes apertações dos alunos.

As reticências que se encontram no ponto 3, e que poderão ser contestadas pelas pedagogias mais ortodoxas, pretendem sustentar a ideia de que outros exemplos podem ser sugeridos. Faço-o consciente da filosofia subjacente à Declaração de Bolonha que responsabiliza o estudante pela investigação e descoberta.

Se, uma unidade didáctica, deve ter limites precisos, já a aula, situada a meio da unidade, tem que contar com apertações pertinentes dos estudantes e não as sacrificar em função de um plano a cumprir.

⁴ Dei, noutra local, as razões porque o faço, para além desta que agora refiro.

⁵ Cf sumário, p. 5.

Tenho, para mim, que uma aula não deve constituir um espartilho, e que dentro de razoáveis parâmetros que se prendam com o cumprimento do programa, a palavra deve ser cedida ao estudante, que levantará novos problemas e trará novas sugestões, muitas delas até descobertas em aulas tutoriais.

Numa linha de coerência com o que atrás referi, opto pelo método indutivo com base no diálogo, não prescindindo nunca de breves exposições sempre que se justifiquem certos esclarecimentos, ou os estudantes pretendam ir mais alem.

Ainda que se ponham sérias reservas à chamada cultura⁶ dos jovens, a verdade é que eles têm um outro tipo de sensibilidade e conhecimentos que, sendo de natureza cultural ou não, abrem diferentes perspectivas, muitas delas aceitáveis e enriquecedoras – é afinal o que se passa com todas as gerações e daí alguns choques que aqui quero evitar.

O professor deve ter consciência que também é um aprendiz, e colher destas novas gerações determinadas vivências que, sendo positivas e negativas, o ajudam a reequacionar certos problemas, bem como a dinamizar os seus próprios conhecimentos e experiências de vida, adaptando-se, assim, à realidade actual, com a sensatez que lhe é devida.

De facto, é imprescindível a criação de um espaço de descoberta, sobretudo quando já estão fornecidas determinadas ferramentas e adquiridas certas competências que o viabilizam. Tal não é, nem nunca será, impeditivo de uma orientação sistemática do professor na detecção das novas e pertinentes linhas de investigação⁷.

⁶ A definição de cultura não cria consensos. Uso a palavra num sentido lato e não entro aqui na discussão do conceito por nada ter a ver com a aula.

⁷ Quando terminar as aulas sobre a *presença*, fornecerei aos alunos um apanhado dos artigos que referem as diferentes artes e os vários artistas (em anexo), para que eles possam, se assim o entenderem, desenvolver trabalhos de investigação na sua vida activa. É este provimento de ferramentas, e o estímulo para o seu uso, que o ensino universitário deve privilegiar.

2. Sumário

“O Instinto e o dom”⁸

1. “Folha de Arte e Crítica” – a dupla actividade (breve motivação).
2. Pressupostos teóricos: a sustentabilidade da interacção das artes em textos teorizadores
 2. 1. “O que deve ser a arte” – Diogo Macedo (n.º 3, pp. 3-4);
 2. 2. “Literatura livresca e literatura viva” – José Régio (n.º 9, pp. 1-8);
 2. 3. “Divagação à roda do primeiro salão de independentes” – José Régio (n.º 27, pp. 4-8).
3. Aplicação da teorização em textos literários e plásticos de Bernardo Marques, Raul Leal, Mário Eloy, Júlio / Saul Dias, Arlindo Vicente, Olavo, Carlos Queiroz, Almada Negreiros, Emerick Marcier, António Navarro, Sarah Affonso, José Régio...

⁸ Vlamink, n.º 1, p. 3.

3. Bibliografia

Boletim do Centro de Estudos Regionais, n.º 16 / 17. II Série. (2007). Vila do Conde, Câmara Municipal.

França, J. (1977). *presença* e as artes, in *Colóquio / Artes*, n.º 33. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Guimarães, F. (2003). *Artes Plásticas e Literatura*. Porto, Campo das Letras.

Lisboa, E. (2003). Os caminhos da crítica presencista: José Régio e João Gaspar Simões, Separata do Tomo XXXV de *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe das Letras. Lisboa, Academia das Ciências.

Id. (1992). *Uma literatura Viva*. Lisboa: ICALP.

Ponce de Leão, I. (1996). *Imagens da Vida (presença: poesia e artes plásticas)*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa.

Id. (2005). Poesia e artes plásticas – um diálogo (em torno da revista *presença*), in *Arquivo Coimbrão*, vol. XXXVIII. Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, pp. 339-353.

presença (1993). Edição Facsimilada. Lisboa, Contexto.

4. Anexos

1. Artigos sobre artes plásticas

Títulos / Autores	Localização
“Opiniões” – AA. VV.	n.º 1, p. 3
“O que deve ser a arte” – Diogo de Macedo	n.º 3, p. 3
“Para uma nova posição estética – Subsídios de arte popular portuguesa” – Afonso Duarte	n.º 12, p. 5
“Realidade e Humanidade na arte” – João Gaspar Simões	n.º 16, p. 2
“Breve história da pintura moderna” – José Régio	n.º 17, p. 4
“Comentário” (divulgação de exposições)	n.º 19, p. 11 n.º 20, p. 11 n.º 23, p. 14 n.º 24, p. 15 n.º 25, p. 15 n.º 49, p. 14 n.º 52, p. 13
“A propósito do I Salão de Independentes” – António Navarro	n. 26, p. 2
“Divagação à roda do I salão de independentes” – José Régio	n. 27, p. 4
“Segunda exposição dos alunos das belas artes no Porto” – Adolfo Casais Monteiro	n. 31-32, p. 28
“A propósito II Salão dos Independentes” – José Régio	n. 31-32, p. 29
“Algumas notas pedagógicas: do desenho infantil” – Afonso Duarte	n.º 36, p. 1
“A arte e a realidade” – João Gaspar Simões	n.º 36, p. 5
“Introdução a uma estética pragmatista” – Manuel Maia Pinto	n.º 43, p. 7
“Deformação, génese de toda a arte” – João Gaspar Simões	n.º 45, p. 7
“Artes plásticas, crítica, jornalismo”	n.º 1, (II série), p. 65

2. Artigos sobre artistas plásticas

Artistas plásticos / Autores	Localização
Rodin – Diogo de Macedo	n.º 5, p. 5
Gutierrez Solana – Guilherme Filipe	n. 6, p. 6
Regoyos – Guilherme Filipe	n. 6, p. 6
Ucelai – Guilherme Filipe	n. 6, p. 6
Vasquez Dias – Guilherme Filipe	n. 6, p. 6
Maurice Vlaminck – Diogo de Macedo	n.º 8, p. 7
Kisling – Diogo de Macedo	n.º 12, p. 6
Raoul Dufy – Diogo de Macedo	n.º 13, p. 7
Pablo Picasso – Diogo de Macedo	n.º 14-15, p. 12
Mário Eloy – Raoul Leal (Henocho)	n.º 16, p. 6
Kees Van Dongen – Diogo de Macedo	n.º 17, p. 8
Armando Basto – Diogo de Macedo	n.º 18, p. 9
Soares dos Reis – Diogo de Macedo	n.º 20, p. 9
Paul Cezanne – Diogo de Macedo	n.º 24, p. 8
António Carneiro – Diogo de Macedo	n.º 27, p. 11
Waldemar Guimarães – Carlos Parreira	n.º 30, p. 12

3. Ilustrações da revista

Autores / Obras	Localização
Júlio – s/t – Desenho	n.º 1, p. 3
João Carlos – “Natal Marítimo” – Madeira	n.º 2, p. 3
Diogo de Macedo – s/t - Desenho	n.º 3, p. 3
Almada Negreiros – s/t - Desenho	n.º 5, p. 1
Dórdio Gomes – “Casas em Malakof” – Madeira	n.º 6, p. 3
João Carlos – s/t - Madeira	n.º 9, p. 1
Júlio – s/t – Desenho	n.º 10, p. 1
Sarah Affonso – s/t – Desenho	n.º 14-15, p. 1
Júlio – s/t – Desenho	n.º 18, p. 1
Júlio – s/t – Desenho	n.º 21, p. 1
José Régio – “A que ficou sem par” – Desenho	n.º 22, p. 1
Mário Eloy – “Auto-retrato do pintor com seu filho” – Desenho	n. 24, p. 1
Edmundo de Bettencourt e Branqueinho da Fonseca – “Desfecho”, “Aparição”, “Despedida”, “Ressurreição de Cristo” – Fotografias	n.º 24, p. 7
Arlindo Vicente – s/t – Desenho	n.º 25, p. 1
Júlio – s/t – Desenho	n.º 26, p. 1
Olavo – s/t – Desenho	n.º 27, p. 1
Pedro Olaio – “A mulher que leva o filho” – Desenho	n.º 28, p. 1
Abílio – s/t – Desenho	n.º 29, p. 1
Jaime – s/t – Desenho	n.º 30, p. 1
Sarah Affonso – s/t – Desenho	n.º 31-32, p. 1
Júlio – “Uma página do álbum de Júlio chamado <u>música</u> ” – Desenho	n.º 31-32, p. 27
Arlindo Vicente – “Monumento” – Desenho	n.º 33, p. 1
Júlio – s/t – Desenho	n. 35, p. 1
Bernardo Marques – s/t – Desenho	n.º 37, p. 1
Almada Negreiros – “Esperança” – Desenho	n.º 38, p. 1
Júlio – s/t – Desenho	n. 41-42, p. 1
Mário Eloy – s/t - Desenho	n.º 46, p. 1
Júlio – “Uma ilustração para o livro de José Régio <i>As Encruzilhadas de Deus</i> – Desenho	n.º 46, p. 1
Arpad Szenes – s/t - Desenho	n.º 47, p. 1
Júlio – s/t – Desenho	n.º 47, p. 11
Almada Negreiros – “Retrato de Fernando Pessoa” – Desenho	n.º 48, p. 1
Paulo – s/t – Desenho	n.º 50, p. 1
Mário Eloy – s/t – Desenho	n.º 51, p. 1
Ventura Pofírio – s/t – Desenho	n.º 52, p. 1
Almada Negreiros – “Guerra” - Desenho	n.º 53-54, p. 1

Júlio – s/t – Desenho	n.º 53-54, p. 12
Emerick Marcier – s/t – Desenho	n.º 1 (II série), p. 21
Vieira da Silva – s/t - Desenho	n.º 2 (II série), p. 107